

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 6 n.º	N.º 4 entrega	34.º Anno — XXXIV Volume — N.º 1173	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Composto e impresso na Typ. do Anuário Commercial Praça dos Restauradores, 27
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$500	1\$900	6\$50	120	20 de Julho de 1911	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos à administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos.
Possesões ultramarinas (idem)	4\$000	2\$000	6\$50	120		
Extrangeiro e India.....	5\$000	2\$500	6\$50	120		



D. MARIA PIA DE SABOYA

CHRONICA OCCIDENTAL

Por motivo imprevisível e, á ultima hora irremediavel, não a podemos publicar neste numero, do que pedimos desculpa aos nossos estimaveis assignantes.

A Redacção.



D. MARIA PIA

Em 9 de agosto de 1862, o visconde da Carreira, investido de plenos poderes, era recebido em Turim por Victor Manuel II, com todo o ceremonial da corte, e em nome do rei de Portugal, D. Luiz I, pedia oficialmente para este a mão da princesa real Maria Pia de Saboia. A 25 de setembro, seguinte, assinava-se, em Turim, a escritura ante-nupcial contendo 16 artigos.

Para a cerimonia do casamento por procuração, partira de Lisboa, no dia 14, o duque de Loulé, como representante de El-Rei D. Luis, a bordo da coverta *Bartolomeu Dias* que, com a *Estefania* e a *Sagres*, formava a esquadilha portugueza, comandada pelo Visconde de Soares Franco, que ia a Génova buscar a futura rainha de Portugal. Iam tambem nessa esquadilha as damas da corte senhoras duquesa da Terceira, D. Maria das Dores e o general Carlos Maria de Caula, que deviam acompanhar a Lisboa a illustre princesa.

O casamento celebrava-se, no dia 27, na capela do palacio de Turim, com a assistencia de toda a familia real de Saboia, conduzindo pelo braço a real nubente, o principe de Carignan, Eugenio.

Dias depois, a 5 de outubro, estava á barra de Lisboa uma esquadra composta da esquadilha portugueza, que fóra a Génova, e de mais os vasos de guerra italianos *Duque de Genova*, *Garibaldi*, *Maria Adelaide*, *Italia* e o aviso *Anthion* tudo do comando do vice-almirante conde de Albini, comboiando aquella. A bordo da *Bartolomeu Dias*, vinha a nova rainha consorte de El-Rei D. Luis, a qual era acompanhada por seu irmão, o principe herdeiro, Humberto, a bordo do *Maria Adelaide*.

Logo que a esquadra estava á barra para lá partiu o vapor *Argos*, levando a bordo o infante D. Augusto que se fazia acompanhar do Duque de Saldanha, do ministro da marinha, que era então Mendes Leal, e dos officiaes môres da casa real. Este vapor era seguido dos *Lince*, *Torre de Belem*, *Açóriano* e *D. Antonia*, com bandas de musica e conduzindo convidados.

A festiva esquadilha ia esperar a Augusta Princesa.

Os navios entravam de gala, embandeirados em arco, soltando ao vento as suas flamulas e gahardetes multicóres, sobressahindo as bandeiras portugueza e italiana; salvavam á terra, que lhes correspondia, atroando os ares com o retumbar dos seus canhões, levantando ao mesmo tempo rolos e rolos de fumo que envolviam todo o quadro.

Por todo o Tejo resôava um fremito de viva festa animada por sem numero de embarcações, á vela e a remos, todas embandeiradas tambem e repletas de curiosos que queriam vêr a nova rainha.

E' a Belem que acode toda a população de Lisboa e á beira da praia se estende em compacta massa.

A corveta *Bartolomeu Dias* vem na vanguarda da esquadra e fundeia em frente do caes de Belem. Os marinheiros nas vergas dos navios levantam vivas que são correspondidos de todas as embarcações que cercam a esquadra; as bandas tocam alternadamente o hino nacional e o italiano, no ar esfusiam foguetes, o entusiasmo transmite-se como corrente eléctrica a todos os espectadores deste surpreendente quadro, que mais se anima ainda quando El-Rei D. Luis acompanhado de seu pae, D. Fernando, de sua tia avó, D. Isabel Maria e comitiva real, chega ao caes de Belem, onde embarca a bordo da galeota real e se dirige para a *Bartolomeu Dias*.

A galeota corta rapida ao impulso dos vigorosos remadores algarvios, e vae espelhando nas aguas os doirados dos seus metaes e entalhes, como focos de luz desprendidos do sol, que illumina este fantastico quadro de que fomos testemunha.

Então tudo fóram alegrias; o povo ainda se associava ás festas reales, como a suas proprias, e exultava pelo casamento do neto do rei liberal D. Pedro com a filha do libertador da Italia, Victor Manuel.

Era uma aspiração, uma esperanza este casamento, para a alma de um povo liberal; todos nelle confiavam e os poetas soltando seus cantos inspiravam-se como Mendes Leal:

Bem vinda, Esposa Real,
Gentil Princesa, bem vinda
aos braços de Portugal!
Patria vossa é esta ainda,
patria e irmã do chão natal.

.....
Num povo d'almas leaes,
que já por fé Vos adora,
profundo affecto encontraes.
Vossa patria é esta agora;
bem vinda a ella sejaes!

Castilho redigia assim as legendas, que se inscreviam no sumptuoso pavilhão real, armado no Terreiro do Paço para receber a filha de Victor Manuel:

*Da bella Italia estrella soberana
Sejaes bem vinda á praia Luçitana.*

*Filha de reis heroes, de reis heroes origem.
Em nova Italia os ceus throno de amor te erigem.*

E com que carinhoso amor o povo viu passar a joven rainha, no coche de gala, precedido de mais treze, com toda a corte, desde a igreja de S. Domingos até ao Paço Real, atravez das ruas de Lisboa todas engalanadas por onde seis mil soldados da guarnição formavam alas.

A mimosa filha de Italia, que vinha completar os seus quinze annos na terra portugueza, mal se divisava dentro do monumental coche de D. João V, ao lado de seu regio Esposo.

Era ainda uma creança, que vinha informar-se e fazer-se mulher, sob este ceu da sua nova patria, tão azul como o que deixára á beira do Mediterraneo.

Tinha, senão a beleza de seus cabelos fulvos, toda a frescura da juventude, que realçava no seu porte já distincto, de singular nobreza e elegancia.

O povo viu-a crescer e viu-a sorrir-lhe docemente. Com a sua alma boa, foi-lhe creando afeição, estimando-a como se ella aqui tivesse nascido. Tinha visto, havia pouco, partir para o estrangeiro, tambem muito novinhas, as princesas portuguezas, D. Maria Anna e D. Antonia, filhas de D. Maria II, e, porventura, a presença de uma nova princesa, metigava-lhe a nostalgia das que vira nascer e crearem-se como em familia, no contacto do povo, como D. Maria II soube crear seus filhos. Eram ainda os bons costumes patriarcaes da sociedade portugueza.

D. Maria Pia correspondeu a essa afeição popular, e nunca o demonstrou com maior ternura como nas occasiões em que alguma grande desgraça feria mais gravemente o povo.

Uma dessas desgraças foram as inundações de 1876, que do norte ao sul trouxeram a miseria a uma boa parte das povoações de Portugal.

Então, D. Maria Pia foi a primeira a pôr-se em campo para acudir a tão grande calamidade. Ella foi a muitas povoações devastadas pelas aguas, levar o seu obulo aos que jaziam na miseria. Convidou as pessoas mais importantes do país por suas posições e por seus haveres, a formar uma grande commissão de socorros, de que a Rainha tomou a presidencia.

Essa commissão abriu uma subscrição nacional, em que seus membros eram os primeiros a subscriver com avultadas quantias e depressa reuniu somas importantes para que concorrerem ricos e remediados com quanto puderam e, não obstante os muitos socorros distribuidos, e as explorações da politica, que nunca deixa de intervir, sobrou ainda muito dinheiro, com que se fundou o *Cofre dos Inundados*, á disposição da Senhora D. Maria Pia para delle mandar distribuir socorros, sempre que se desse alguma catastrophe e houvesse victimas a socorrer, como de facto por muitos annos assim se praticou. A bondosa senhora estendeu a sua acção caritativa a todos os desgraçados. Ella mesmo, em pessoa, visitava e distribuia as suas esmolos nos antros mais miseraveis, e o seu exemplo animou muitas obras de beneficencia.

Não terá ainda esquecido o que ella praticou quando do incendio do teatro Baquete, em que foi ao Porto, testemunhar aquella grande desgraça, consolar tantos infelizes e distribuir por suas proprias mãos esmolos aos que de tal careciam.

Foi assim que este povo, sempre bom e poeta, denominou a rainha D. Maria Pia o *Anjo da Caridade*.

Esta foi, acaso, a maior acção politica da Rainha em Portugal; de resto, conservou-se sempre albeida das lutas partidarias, no seu lugar de rainha consorte.

Isto, porém, não a impedia de fazer sentir, nos momentos oportunos, toda a energia e nobreza do seu caracter, se eram menos acatadas as perrogativas da corôa de que partilhava.

Das paredes do Paço transpirou um dia o que ali se passou num daquelles momentos oportunos. Foi quando do pronunciamento — assim lhe chamaremos — de 19 de maio de 1870, em que El-Rei D. Luis, coacto pelo marechal, cedeu ás suas imposições. A filha de Victor Manuel não lhe sofreu o animo deixar sem reparo uma tal situação, e defrontando-se com o nobre duque de Saldanha exproboou energicamente o seu procedimento. Mostrava-se assim a Rainha descendente da Casa de Saboia a cuja inergia e valor a Italia devia, emfim, a unidade da patria.

Estes assomos de natural e nobre orgulho, não empanavam, porém, as qualidades aféivas do seu coração generoso sobejamente provadas, como o seu espirito liberal não negava a estirpe de que provinha.

Soube ser Rainha e fazer-se amar do povo, que sempre a respeitou, em todos os lances, mesmo naquelles, acaso, em que se poderia supôr que a nobre senhora cahisse das graças populares, quando o desbarato das suas finanças veio assolhado para o publico.

E' que o povo portuguez não era menos generoso do que a Rainha e, o que, porventura, não desculparia a um homem, não sabia condemnar a uma mulher.

Foram como leves nuvens que mal ensombriaram o espirito da generosa senhora, se desgostos mais fundos não viessem anoitar-lhe os ultimos annos da sua vida.

Começavam as tristezas sucedendo aos dias de alegria!

Principiando pela viuvez, que primeiro feriu seu coração de esposa e rainha, coberta de crepes a corôa de que partilhara, outro golpe não menos fundo a veio cothor quando seu irmão, o rei Humberto, foi vitima de um atentado regicida. A nobre senhora ia avergando-se ao peso destes desgostos e na sua fisionomia acentuavam-se os traços do sofrimento tanto moral como fisico.

O reinado de seu filho, que subira ao trono, não deslavava seguro na politica do engrandecimento real, que cada dia mais divorciava a nação do seu rei. Muitas eram as causas que para isso concorriam e os factos são dos nossos dias para que os vamos recordar aqui.

D. Maria Pia, conforme aos seus principios liberaes e com a finura natural do seu espirito, não era indifferente ao caminho que as coisas tomavam e, não sabemos se no seu coração de mulher e de mãe, tristes precentimentos a afligiriam.

Do retiro da sua viuvez ainda sahii duas vezes para assumir a regencia do reino na ausencia temporaria de seu filho no estrangeiro. Foi em 9 de novembro de 1892, e em 12 de novembro de 1904.

Nessas regencias não perdeu ensejo de mostrar mais uma vez sua afeição pelo povo. Instituiu dois premios annuaes de um conto de réis para serem conferidos aos operarios do Arsenal da Marinha e dos estabelecimentos fabris do Commando Geral de Artilharia, que mais se distinguissem no desempenho dos seus trabalhos. Não se esqueceu tambem dos oprimidos e empenhou-se com o governo para alcançar o perdão de uns condemnados.

Era refrigerio de suas maguas o praticar o bem.

Mais provações, infelizmente, lhe estavam ainda reservadas; daquellas que ferem no mais intimo da alma, no mais fundo do coração. Como poderá a pena exprimir toda a dôr que fere uma mãe ao vêr um filho e um neto mortos victimas de uma horrivel tragedia!?

Toda a estensão dessa dôr só uma mãe a pôde aquilatar.

D. Maria Pia passou esse doloroso lance, que não foi o ultimo de seus atribulados dias. Não se morre de dôr, mas consome-se de maguas.

Um dia veio em que se completavam quarenta e oito annos que D. Maria Pia pisara pela primeira vez terra portugueza como sua patria que ia ser. Era esse dia tão lindo como aquelle primeiro em que aquil viera; o ceu tinha o mesmo azul, o sol o mesmo calor.

Pela tarde, na praia da Ericeira, singular cena se passava. Um grupo de pobres pescadores punha apressadamente dois barcos a nado e nelles embarcava a familia real portugueza, fugindo á revolução que proclamava a Republica.

Quadro bem triste, mais triste ainda, porque uma das suas figuras era uma alquebrada senhora, mais uma vez ferida em seu coração, por ter de deixar abruptamente a patria que adotara por sua! Era D. Maria Pia, para quem não tinha acabado a série de infortúnios que lhe vinha torturando a existencia.

Não tinham ainda acabado, é certo, e quando, porventura, esperaria dias de maior paz na sua primeira patria a que se acolhera, ali mesmo a aguarda o ultimo desgosto enfim, porque mais não poderia sofrer, e foi, por assim dizer, o morrer-lhe em seus braços, a unica irmã que lhe restava, tão infeliz como ella viuva e destronada, a ex imperatriz dos francezes Clotilde, a quem D. Maria Pia queria tanto como se ella fôra sua mãe, pois lhe servira de guia na infancia á falta da propria mãe, que morrera.

A coragem que a animara atravez de tantos lances dolorosos, esgotara-se alfin. D. Maria Pia não podia mais sobreviver a tanta dôr e aquelle esforço foi o ultimo.

Tantas dôres moraes agravaram os padecimentos físicos de que vinha sofrendo e a desditosa Princesa de Saboya expirou entre os braços da rainha Margarida e da sr.^a marquêsa de Bellas, ás 4 horas e meia da tarde de 5 deste mez, no castelo de Stupinigi, o mesmo em que poucos dias antes falecera a princesa Clotilde.

Havia poucas horas que junto da moribunda se encontrava a ex rainha D. Amelia, o infante D. Afonso e a rainha Helena, chamados telegraficamente. A dôr a todos pungia e, especialmente ao Duque do Porto, que, em convulsões de choro, era impossivel apartar-o do cadaver de sua mãe, emquanto a sr.^a marquêsa de Bellas, desmaiada por forte comoção, tinha que ser socorrida pelos medicos.

A dolorosa impressão que sua morte causou aos que assistiram áquelle momento angustioso, depressa se propagou por toda a Italia e Portugal, logo que foi conhecida a fatal noticia, e toda a imprensa a registrou com grande sentimento, dedicando-lhe artigos especiaes.

O governo da Republica Portuguesa apressou-se a transmitir ordens ao seu encarregado de negocios, em Roma, sr. Lambertini Pinto, para o representar nos funeraes da ex rainha de Portugal, como a Assembleia Constituinte se manifestou em um voto de sentimento pela morte da illustre princesa, filha do grande Rei Victor Manuel.

Este foi o sentimento da nação portugueza, que, apesar das circumstancias politicas que deterraram para o exilio a que fôra sua rainha, no coração do povo não perdera ainda o logar que nelle occupava, como aquella que elle muito amou.

CAETANO ALBERTO.

ESPONSAES

— Aras pagás no templo azul da Natureza
Árvores tremulas, floridas, sacrosantas,
Thurificam o Espaço em mysteriosa ressa.

Asperge o Sol fulgôres lustraes . . . E aves nas plantas,
— Em harmonia de oiro, em hymnos de louvor
Erguem aos flavos ceus as mysticas gargantas.

Missa solemne! . . . Então, num religioso ardôr,
Hei de teer te rósea e cándida grinalda
E ornar-te a fronte casta, ó meu eterno Amor.

Cerram o templo cortinados de côr de jaldá . . .
Tremula a Lampada da Lua . . . E em desejos
— Mar largo — a logo esse olhar puro que me escaldá,

E sôlto emfim o epithalamio dos meus beijos!

(Do Evangelho da Vida, em preparação.)

ACRÔNIO COEIRA.

Viagem de circumnavegação do cruzador «S. Gabriel»

(Continuado do numero antecedente)

De Acapulco a S. Francisco

Acapulco é o melhor porto natural do Mexico e até hoje o melhor em que no Pacifico temos entrado. Foi celebre durante os 300 annos do dominio hespanhol e por elle saíram em grande parte os 3.105.979 contos de réis de prata tirada das minas entre 1537 e 1884, indo para Hespanha nos ga'eões, ou para Manila nas «Naus da China.» Deve ser devido á excellencia do seu porto e á antiguidade da sua historia, que este ponto do globo figura nas cartas geographicas com tão grandes letras. A povoação é pobrissima,

os tremores de terra que ultimamente se teem succedido com frequencia, teem feito com que os habitantes abandonem as suas casas meio desmoronadas, para irem viver em barracas de madeira, lona ou zinco, ás quaes faltam as mais rudimentares condições higienicas, n'um clima inquestionavelmente insalubre. Causam estas habitações uma má impressão quando se comparam áquellas que os Estados Unidos montaram em Panamá.

No antigo forte de S. Diogo existe uma força militar d'uns 200 homens que se occupa principalmente em guardar a cadeia, onde havia uns 300 presos, para aqui enviados a cumprir sentença. Não ha meios faceis de communicação para o interior, nem caminhos de ferro, nem estradas e o serviço do correio com a capital, faz-se a cavallo, n'uns 4 dias. Pouco depois de fundarmos, veiu a bordo o secretario do commandante militar, tenente Victor R. Mena, cumprimentar-me. De tarde visitei aquella auctoridade, visita que no dia seguinte me foi retribuida. No dia 12 mettemos 120 toneladas de carvão Cardiff a 75/ a tonelada f. o. b., que nos foram fornecidas pelo consul de Inglaterra B. Fernandez e atestámos a aguada ao preço de 11/ a tonelada. Telegraphicei a V. Ex.^a e para S. Francisco, avisando do dia e hora provavel da nossa chegada, como me fôra ordenado e pedido. A's 9 da manhã de 13 de abril suspendemos e saímos do porto, continuando com optimo tempo a navegar em direcção a S. Francisco, ao longo da costa Mexicana. No dia 14 começámos a encontrar ventos fracos e correntes contrarias como era natural. No dia 16 de manhã caiu o vento e passámos um banco de nevoeiro que se dissipou pelas 10 da manhã.

Entrámos na corrente fria que desce ao longo da costa da California e a temperatura diminuiu para 20°. No dia 17 ao meio dia, em vista do optimo tempo, resolvemos ir á bahia de Sebastião Vizcaíño fazer uma experiencia de giração do navio, que desde Lisboa vinhamos fazendo tenção de effectuar, mas que o tempo não tem permitido. Pelas 4 h. e 15 m. entrámos n'aquella bahia pelo canal de Kellet, entre as ilhas de Natividad e Cerros. A' sombra d'esta ultima ilha, estava o mar perfeitamente plano e havia calma. Arriámos um escaler, d'onde os aspirantes me jiraram a altura da mastreação e o azimuth do navio quando este girava em torno d'elle. Depois de fazer um giro para cada bordo, içámos o escaler, continuando pelas 7 h. a nossa derrota. A rotação para EB effectuou-se em 6 m. e 15 s. e o raio do circulo foi de 240 metros.

Vinhamos navegando desde Acapulco com a velocidade economica para duas caldeiras, entre 10,5 e 11 milhas por hora. Tendo encontrado melhor tempo do que suppunhamos e estando adeantados, apesar do tempo perdido na bahia de Vizcaíño e na ida ali, resolvemos pela meia noite apagar uma caldeira e navegar mais economicamente. Das 3 ás 8 da manhã do dia 18 tivemos nevoeiro. Na manhã de 19 começámos a estar em communicação com a estação radio telegraphica

de S. Diego. Enviámos um telegramma ao consul em S. Francisco, confirmando a nossa provavel chegada ás 2 h. (p. m.) do dia 21 e recebemos logo em seguida um telegramma d'um fornecedor offerecendo para ter á borda, á nossa chegada, aquillo que desejassemos. Vê-se bem que chegámos ás costas dos Estados Unidos. No dia 20 continuámos com vento pela prôa, mas bom tempo, a navegar ao longo da costa da California. A' 1 h. e 30 m. passámos o farol Piedras Blancas. De tarde refrescou bastante o vento levantando vaga. A's 11 h. e 30 m. (p. m.) marcámos pelo travez de EB o farol da Ponta Luz. Amanheceu o dia 21 com nevoeiro. Aproximamos á terra, prumando; reconhecemos ás 7 h. e 45 m. a busina de nevoeiro de Ano Nuevo e pouco depois a de Pegeon Point; continuámos ao longo da costa. A's 11 h. avistámos a busina de Montara a funcionar; determinámos a distancia a que estavamos, pela velocidade do som, medindo o intervalo entre o avistar-se o vapor que sahia da busina e o som. Estavamos a milha e meia de terra. Com este exacto ponto de partida navegámos a entrar a barra de Golden Gate, onde ouvimos, além das 4 buzinas dos diferentes faroes, apitos de vapor e toques de sino. Era uma navegação nova para quasi todos a bordo e por isso mesmo muito interessante e instructiva.

A's 2 h. da tarde estavamos em frente da cidade de S. Francisco salvando á terra, rodeados de vapores embandeirados, grandes e pequenos, carregados de portuguezes dando vivas. Mandei subir gente ás ancorarias para corresponder e ás 2 h. e 15 m. fundeava no ancoradouro dos navios de guerra.

De S. Francisco a Honolulu

Não precisa o Governo Portuguez que o commandante do S. Gabriel o informe sobre os Estados Unidos ou Estado da California, onde tem ministro e agentes diplomaticos acreditados. Direi no entanto a V. Ex.^a que no Estado da California existem uns 40.000 portuguezes, na maioria de origem açoriana, que ali exercem a sua actividade. Posto que haja banqueiros e negociantes de certa importancia, a maioria são agricultores e proprietarios da maior parte dos fertilissimos terrenos em redor da grande bahia de S. Francisco.

Para Portugal seguem-se á Inglaterra os Estados Unidos em importancia commercial. No anno passado as nossas transacções com os Estados Unidos attingiram 14.000 contos de réis, representando o cacau 3.000 contos.

Os productos portuguezes não chegam á California por difficuldade de transportes. Fez-se uma tentativa, mas o tempo gasto no caminho fôram 7 mezes! Mesmo na costa oriental os productos portuguezes chegam com transbordos em portos inglezes ou allemães.

E' minha opinião que Portugal, em vez de diligenciar estabelecer navegação a vapor para o Brazil, que é desnecessaria e difficil, vista a concorrencia do grande numero de magnificos vapo-



O COMANDANTE E OFICIAES DO CRUZADOR «S. GABRIEL» E MEMBROS DA COMISSÃO DOS FESTEJOS, NO MONTE TAMALPAIS, EM S. FRANCISCO DA CALIFORNIA



D. Maria Pia com seu primeiro neto, príncipe da Beira, ao colo

D. MARIA PIA COM TODA A FAMILIA REAL E COMITIVA, NA SUA VISITA A CIDADE DO PORTO, EM 1887

As manifestações ao ministro da Republica Dr. Affonso Costa

res que com aquelle destino fazem escala por Lisboa, deveria promover o estabelecimento d'uma carreira de vapores entre Lisboa e New York, com escala pelos Açores. Não tendo concorrentes, podiam ser estes navios de modestas dimen-

Cliff House, pittoresco restaurant á beira-mar. A's praças de marinhagem e estado menor foi offerecido um passeio semelhante em carros electricos.

A's 10 horas da manhã do dia 24 desembarcámos 10 officiaes e 50 praças, seguindo com a banda da União Portugueza á frente para Oakland, afim de assistir a uma missa celebrada na igreja portugueza pelo Padre Galli. A esta missa concorreram milhares de portuguezes que não cabiam na igreja. Offereci um almoço ao Consul de Portugal e aos principaes membros da comissão. Foi o *S. Gabriel* muito visitado, tendo estado a bordo umas cinco mil pessoas trazidas por uma carreira de embarcações movidas a gasolina, que se

teve logar no grande salão do Palace Hotel um banquete de 127 talheres dado em nossa honra. Presidiu o presidente da comissão de festejos, tendo o Ministro de Portugal á direita e o commandante do *S. Gabriel* á esquerda.

Assistiram a este banquete as pessoas mais importantes da cidade, entre ellas o juiz T. W. Harris, «attorney general» Webb, juiz H. Melvin, Chief Justice W. H. Beatty, deputy collector W. B. Hamilton, Mayor P. H. Mc Carthy, Lieutenant Governor Warren Porter Rear Admiral J. B. Milton, juizes W. C. Van Fleet, W. L. Gerstbe, Alfred P. Black, consules da Argentina, Equador, Bolivia, Hollanda, Italia, Japão e Grecia. Serviu de *toast master* o dr. Bettencourt, vice consul de Portugal e trocaram se affectuosos brindes em portuguez e inglez.

Ao meio dia do dia 26 fomos para Oakland e d'alli em automoveis seguimos para a cidade de Berkeley, onde visitámos a universidade, o theatro Grego e o Idora Park, onde foi offerecido um jantar ao estado menor e marinhagem.

A convite das directoras da Sociedade Portugueza da Rainha Santa Izabel, jantámos no Key Route Inn. Esta Sociedade Portugueza, da qual só fazem parte senhoras, conta mais de 3:000 socias e dedica se a beneficencia. Presidiu ao jantar a ex.^{ma} sr.^a D. A. M. Martins. Recebi um convite para um *lunch* do almirante Milton e outro da Camara de Commercio de Monterey para alli ir, ambos os quaes tive de recusar por falta de tempo.

(Continúa.)

A. PINTO BASTO.
Capitão de fragata

Manifestações ao ministro da Republica dr. Affonso Costa

E' o sr. dr. Affonso Costa uma das figuras salientes, se não a mais preponderante da actual politica portugueza, que por seus talentos, energia e incansavel tenacidade, quer no parlamento, quer na imprensa, quer nos comicios populares por todo o país, quasi que multiplicando as presenças para não perder o ensejo de semear as suas ideias por todo o povo portuguez, conseguiu republicanisar o ainda antes de se proclamar a Republica.

E' esta uma verdade já dita geralmente com respeito a quantos se empenharam naquella pro-

sões e obter fretes remunerativos, o que nunca acontecerá para o Brazil.

E' impossivel descrever a V. Ex.^a o entusiasmo que causou aos portuguezes ou americanos de origem portugueza a ida do *S. Gabriel* á California. Entendo que d'esta visita resultaram vantagens politicas para o nosso paiz e que só haverá utilidade em que navios de guerra portuguezes visitem frequentemente aquelle porto, o que se tornará facil pela abertura do canal de Panamá.

Logo que no dia 21 de abril fundeámos na bahia de S. Francisco veiu a bordo o Consul Geral de Portugal, dr. Ignacio da Costa Duarte, que me apresentou os membros da comissão organisadora dos festejos em honra do *S. Gabriel*, presidida pelo sr. M. T. Freitas, director do Portuguese American Bank. Propuzeram-me o programma dos festejos, que aceitei e agradei.

Jantou commigo o Consul portuguez, com quem fui depois a Oakland esperar o Ministro de Portugal em Washington, Visconde de Alte. De volta de Oakland encontrámos na estação dos *ferries* a banda da União Portugueza e muitos membros da Colonia, que nos esperavam e que depois acompanharam o Ministro até ao Palace Hotel, onde ficou alojado. Estiveram no dia da nossa chegada a bordo a cumprimentar-nos o Mayor da cidad Mc Carthy, *collector of the Port* William, que me deu as boas vindas em nome do presidente do Estado, *collector* Stralton, John Mc Gregor representante da Camara de Commercio, M. H. Robins Junior representante da *Merchants Association*, James Roll Junior representante da *Merchants Exchange* e ajudante do almirante Milton, commandante da *Training School* em Goat Island. Todas estas visitas foram por mim retribuidas no dia seguinte. Visitei tambem o Ministro de Portugal.

N'este dia 22 assistimos, a convite da comissão dos festejos, a uma recita no theatro da Opera «Columbia», seguida d'uma ceia a que assistiram 24 officiaes e aspirantes.

No dia 23 de abril, pelas 10 horas da manhã, desembarcámos 20 officiaes e aspirantes e fomos acompanhados dos membros da comissão em cinco automoveis, enfeitados com bandeiras portuguezas e americanas, percorrer as principaes ruas da cidade, visitar o parque do Presidio e de «Golden Gate» e almoçar a

estabeleceu entre o caes de desembarque e o cruzador. Felizmente não aconteceu nenhum desastre com o embarque e desembarque a bordo de tanta gente. Apenas se partiu a escada do portaló de BB, que no dia seguinte se concertou.

Pelo nosso consul fui convidado para um jantar no Hotel S. Francisco, ao qual assistiu tambem o Ministro de Portugal.

No dia 25 ás 10 horas da manhã partimos para uma excursão ao monte Tamalpais, situado ao norte da bahia 790 metros sobre o nivel do mar. A linha ferrea que conduz ao cume do monte é das obras de engenharia mais interessantes pelo grande numero e pequeno raio das curvas. O maior alinhamento recto é de 120 metros e as curvas adaptadas umas ás outras completariam 42 circumferencias. No Hotel situado no cimo do monte realisou se um *lunch*. A's 8 horas da noite



Dr. Affonso Costa

No HOTEL ROYAL, DO ESTORIL, O SR. DR. AFFONSO COSTA RECEBE A MENSAGEM DO COMERCIO DE LISBOA



A COMISSÃO DO COMERCIO DE LISBOA E A TUNA COMERCIAL COM MAIS DE 2:000 MANIFESTANTES, DIRIGE-SE AO HOTEL ROYAL.

paganda, e particularmente com relação ao sr. dr. Affonso Costa.

Mas, proclamada a Republica, não se quedou descansando da formidável campanha, antes redobrou de esforço para acudir de pronto ás novas instituições com leis que, na qualidade de ministro da justiça, cumpria fazer, quer para assegurar a estabilidade do novo regimen, quer para dar satisfação ás aspirações de direitos sociais do povo.

Correspondendo cabalmente o ministro a essas aspirações populares com as leis da liberdade de testar, com a do divorcio, com a do inquilinato, a de tornar efetiva a lei do registo civil, além d'outras que não nos ocorrem de momento, e por fim com a de separação das Igrejas do Estado, não esperando para decretar tão profundas reformas, pela reunião da Assembleia Constituinte, embora todas essas leis ficassem sujeitas á aprovação desta.

Foi um trabalho colossal de talento e de energia, ainda acrescido de um brilhante concurso que fez para a cadeira de Economia Política da Escola Politecnica, em que foi provido, trabalho

direito á vida e o respeito pelo seu nascimento, protegesteis os fracos, os humildes e os famintos, e a este povo tão bom e tão sofredor, escravo e servo de tiranos, concedestes, enfim, a sua carta d'alforria.

«Todas estas circunstancias, pois, vos dão jus á nossa veneração e ao nosso acendrado amor, e é por isso que hoje, toda a tristeza e toda a angustia que avassalaram a nossa ditosa Patria e o coração de todos os bons e leaes portugueses, se transformaram em hinos de alegria, com a gratissima nova de que o perigo passou e de que entrasteis em franca convalescença, animando-nos a consoladora esperança de que em breves dias voltareis a ocupar o alto cargo que a nação vos confiou, e que tão brilhante e desassombadamente tendes sabido desempenhar.

«Aceitae, portanto, Senhor Ministro da Republica, a homenagem mais sincera do laborioso corpo comercial de Lisboa, aqui representado, e desculpaie a pobreza das nossas expressões, certo de que dentro em nós só reside a ancia de vos ver restituído ao nosso carinho e ao amor de vossa estremitissima familia, para bem da Pa-

Esta sessão foi extraordinariamente concorrida, como uma entusiastica festa, em que o elemento feminino se pronunciou numa grande afirmação publica das suas ideias democraticas e de solidariedade com a Republica Portuguesa.



A casa submarina

POE

Max Pemberton

(Continuado do n.º 1171)

«Os que ainda restavam, atacados da loucura do baile, empunhavam as navalhas, e vomitavam pragas espantosas, correndo pelo cimo do barranco. Sem duvida que o seu intuito era chegar antes de nós, junto do bote e foi por isso que mais acelerámos a nossa carreira.

«Ha momentos na nossa vida, em que um homem tem de optar por uma ou outra coisa, sem perder um minuto que seja. Não podia ser peor nem mais terrivel a nossa situação, do que quando corriamos pelo barranco. Deixáramos para traz o bosque maldito, com o seu delirio do baile da morte; e na nossa frente encontravamos aquelles loucos, com as compridas navalhas, e soltando os seus terrorosos gritos. Tíhamos de escolher entre elles, entre o somno no bosque e a carreira fatigante até chegarmos á praia.

Escolhemos portanto a ultima, suppondo que no fim de contas o resultado seria o mesmo.

— «Siga correndo!... Não se detenha um minuto! — gritei eu ao meu companheiro. — Regule bem o passo, porque a unica probabilidade que temos de sair d'aqui com vida, está em correremos muito.

«Pousou uma das crianças no chão, mandando-lhe que corresse adiante d'elle, e tirando o revólver d'algibeira poz-se a meu lado, dizendo:

— «E' preciso apontar bem e não perder nem uma bala só. Sangue frio e cabeça serena, nos fará ganhar a partida. Dispomos de dez cargas e das culatras dos revólveres que tambem nos servirão em caso de aperto. Com isto tudo, creio que poderemos despachar doze homens.

«A serenidade do capitão Nepeen surpreendeu-me deveras, mas não me maravilhou. Desde que tomára conhecimento com elle, nunca lhe tinha ouvido soltar uma palavra de queixa ácerca da nossa situação ou das suas dificuldades. Para elle, esta aventura perigosa era um prazer, e agora, com aquelles demónios que gritavam á voita d'elle, o nevoeiro que surgia do bosque e o mar brilhante como mostrando-nos a salvação, ainda lhe davam animo para sorrir cynicamente, correr com passo methodico e portar-se como um valente, que era.

«De todos os homens com quem naveguei, é sempre d'este o primeiro de que me recordo, porque era um verdadeiro companhei-



As manifestações ao ministro da Republica Dr. Affonso Costa. — GRUPO DE SOCIAS DA «LIGA REPUBLICANA DAS MULHERES PORTUGUEZAS» QUE TOMOU PARTE NA HOMENAGEM AO SR. DR. AFFONSO COSTA, NA SESSÃO SOLEMNE REALISADA NO COLISEU DA RUA DA PALMA

acaso superior ás forças de um homem e que o dizer isto não era exagero, veio por fim affirmar o precario estado da sua saude colhido ainda por uma pneumonia que poz a sua vida em grave perigo.

O sobresalto publico foi extraordinario quando se soube da gravidade da doença do ministro da Republica, e momentos houve em que a anciedade foi geral no receio de um desenlace funesto; mas este estado de duvida foi pouco a pouco desaparecendo e alimentando-se a esperança de que seria salvo o prestante cidadão, como de facto hoje se encontra numa convalescença animadora.

Muitas tem sido as manifestações de homenagem popular ao operoso legislador, que tão bem soube conquistar essa popularidade; mas nenhuma dessas manifestações terá sido mais carinhosa e sentida como as que ultimamente lhe prestou o publico exultando pelas melhoras do sr. dr. Affonso Costa, pelo seu restabelecimento, enfim.

Entre essas manifestações distinguem-se pelo seu significado, as do Comercio de Lisboa e as da Liga Republicana das Mulheres Portuguezas.

Ambas se realisaram no domingo, 2 do corrente. A primeira no Estoril, onde o ministro estava a convalescer e ali fóram mais de duas mil pessoas, como representantes do comercio da capital, com a Tuna Comercial, levar uma mensagem concebida nos mais levantados e, ao mesmo tempo, carinhosos termos, como se lê nos seguintes periodos:

«A vossa obra como ministro tem sido vasta e proficua; libertasteis as consciencias, tornasteis o amor num sublime sentimento espiritual, protegesteis o comercio, desteis aos filhos espurios o

tria Portuguesa, que tanto honraes com os primeiros da vossa privilegiada intelligencia.

Viva Affonso Costa!

Lisboa, 2 de julho de 1911.»

Ao mesmo tempo que, no Estoril, se fazia esta manifestação, realisava a Liga Republicana das Mulheres Portuguezas, uma sessão festiva em homenagem ao mesmo ministro, no Coliseu da rua da Palma, inaugurando o seu retrato.

Nessa sessão presidida pelo sr. dr. Bernardino Machado, tomaram parte distintissimos oradores, principiando pelo presidente que fez o discurso de abertura, e os srs. dr. Alfredo de Magalhães, dr. Carneiro de Moura, dr. Eusebio Leão, Agostinho Fortes, Ribeira Brava e a sr.ª D. Maria Veleda, que tambem fez uma poesia, que foi recitada pela menina Lidia de Oliveira, quando se descerrou o retrato do sr. dr. Affonso Costa:

O seu nome pod'roso, altisonante,
Vibra, intenso, nas paginas da Historia;
Nome que a Fama entôa e canta a Gloria,
Tem na alma lusa um éco retumbante.

Num gesto formidavel de gigante,
— Dos que ficam p'ra sempre na memoria, —
Libertou a Mulher, deu-lhe a Victoria,
Arrancou-a do jugo degradante.

Creou leis á Familia, de ternura,
E os infantes — pobrinhos sem ventura, —
No seu peito encontraram protecção:

Alma heroica! do povq lux e vida!
A Patria Portuguesa, enternecida,
Ergueu-te um pedestal no coração!

ro, tanto no momento do perigo como na adversidade. Foi á sua habilidade que devi a minha vida n'aquella noite.

— «Um, — disse elle de repente, quando appareceu uma cabeça assomando sobre a borda do precipicio e retirando-a immediatamente.

«Tão rapido tinha sido o movimento, tão pouco tempo levára a apontar o revólver, que quando um corpo caiu rolando lá de cima até á erva e ficou estendido a nossos pés, não queria crer que aquillo houvesse sido effeito de um tiro.

— «Um, — disse outra vez com accento triumphante — Ora quem de doze tira um, ficam onze. Olá!... aquelle passaro pertence-lhe, capitão, e é bem gordinho.

«Puxei o gatilho, seguindo o exemplo do meu companheiro, e outro dos homens que estavam no alto do precipicio, levantou os braços e caiu tambem, dando um grito.

«O mais assombroso era que nenhum dos outros homens que estavam sobre o barranco, nos responderam aos tiros que disparavamos, signal de que não possuíam armas ou não tinham tino para o fazer.

— «Não teem armas — disse o capitão Nepeen — e a maioria d'elles estão embriagados. Parece-me que sahíremos bem d'esta, capitão Begg.

«O caso é que eu tambem assim o julgava. Sem duvida haviam homens na praia que tinham chegado primeiro que nós, Loucos, que não cessavam de gritar, de empunhar fortemente as navalhas, e em cujos rostos se via o proposito de nos assassinar. E nós tinhamos forçosamente de passar por entre elles se quizessemos chegar ao bote. Mas passámos.

«E' um milagre que ficará para eu o esquecer mais tarde.

«Muito bem. Estavamos ao pé do barranco e dispunhamo-nos seguir adiante fazendo frente aos outros, julgando que, pelo menos um de nós ficaria estendido, quando resouo um tiro de peça, não da nossa, da que estava sobre a porta de vigia, mas lá ao longe, de bordo do yacht de Czerny, caindo sobre a areia, a poucos metros do sitio onde estavamos, uma granada que fez explosão com ruido espantoso, espalhou os fragmentos d'aço e aterrou os piratas ainda mais do que se fosse uma descarga cerrada.

«Lançando gritos que pareciam mugidos de touros, maldizendo o amo em todas as linguas, começaram a tomar de assalto as rochas e a procurar refugio nos bosques, mas alguns caíram e foram rebolando pela areia; outros anavahavam-se caindo mortos ao pé das rochas; e os que alcançavam as alturas do bosque, praguejavam contra Czerny e desafiavam toda a ilha e o seu maldito somno.

«Emquanto elles debandavam d'esta maneira, deitámos nós a correr para o bote, e d'ali a pouco estavamos já entre os nossos companheiros que nos esperavam anciosos.

XXIII

Fim das sessenta horas

«Na mesma noite, junto á ilha, ás doze e meia. — Não voltamos á torre de vigia nem pensamos sequer em lá ir, enquanto tivermos a esperanza de poder auxiliar algum dos naufragos que Czerny mandou para a ilha.

«O nosso bote baloiça suavemente sobre o tranquillo mar, á luz branca da lua. Vêmos tambem os botes que volteiam á roda do yacht e os piratas que os tripulam continuam irritados contra seu amo.

«A' praia chegam de vez em quando os gritos e as pragas soltos por elles, misturados com os lamentos de alguns, que mais parecem bramidos de feras, do que queixumes humanos. Tambem conforme o capricho do seu animo, os artilheiros do yacht mandam-nos alguma granada que não atinge o alvo, mas passa sibilando por cima das nossas cabeças, ou levanta cachões d'agua quando se afoga no mar.

«Talvez Czerny julgue assim entreter os descontentes que estão nas lanchas, ou pense inspirar temor ao homem que zombou d'elle. O que é certo, é que estão n'uma crise perigosa.

(Continúa.)

RICARDO DE SOUZA.

O MEZ METEOROLOGICO

Junho 1911

Barometro. — Max. altura 768^{mm},7 em 25.
 » Min. » 756^{mm},7 em 4.
Termometro. — Max. altura 32°,1 em 2.
 » Min. » 11°,3 em 28.
 A temperatura apenas se conservou elevada de 27 a 29, sendo em 28 a unica maxima superior a 30°.
Chuva — 49^{mm},7 em 10 dias, sendo em 4, 5 e 6 abundante.
Nebulosidade. — Céu limpo ou pouco nublado 11 dias.
 » Nublado 17 dias.
 » Encoberto 2 dias.
Trovoões — Em 4.
Trovoada — Em 5.
Relampagos — Em 6.



Album-postal Tauromachico. — Edição de Abreu & Martins, largo do Calharis, 4, Lisboa. Coleção de bilhetes postaes illustrados com retratos de cavaleiros tauromaquicos, bandarilheiros portuguezes e espanhoes, empresarios de touradas, etc., muito interessante, sobretudo para os amadores do genero. Está publicado até ao n.º 47 com o retrato da matadora de novillos Josefa Mola (Pepita).

Anuario Commercial de Portugal, Ilhas e Colonias — 1911. — Propriedade de Manuel José da Silva; Director, Caldeira Pires. Tipografia do Anuario Commercial — Praça dos Restauradores, 47, Lisboa.

E' o 31.º anno da publicação deste *Anuario*, que desde seu principio tem vindo sempre em aumento, alargando de anno para anno as suas secções de informação, que hoje se estendem a todo o continente de Portugal, arquipelago açoriano e possessões ultramarinas, podendo annunciar com verdade o seu MILHÃO DE ENDEREÇOS.

Nenhuma outra publicação deste genero se lhe vantagem no país e facilmente se comprehende que tenha chegado a este resultado, não só por ser a mais antiga, pois é isso importante para o alargamento das suas relações, que só as traz o tempo, como pelo cuidado com que todos os annos são revistas as informações e sucessivamente acrescentadas e desenvolvidas com outras novas.

O ANUARIO COMMERCIAL DE PORTUGAL consta de dois volumes abrangendo 3108 paginas, com muitos mapas, plantas das principaes cidades do país, tabellas diversas, toda a informação official dos tribunaes, repartições do estado, militares e civis, emfim toda a informação sobre estabelecimentos publicos e particulares, reunindo mais de UM MILHÃO DE ENDEREÇOS!

Agradecemos o exemplar que nos foi enviado.

NECROLOGIA

D. Manuel Agostinho Barreto

BISPO DO FUNCHAL

Nos ultimos dias do mez de junho falecia na cidade do Funchal o bispo daquela diocese, D. Manuel Agostinho Barreto, um dos mais preclaros ornamentos da Igreja Lusitana, quer por seus talentos, quer por suas virtudes, reunidos em um caracter energico, sempre firme e acurado no cumprimento de seus deveres.

Desde 1877 que D. Manuel Agostinho Barreto era bispo da diocese do Funchal, dignidade a que foi elevado sendo conego da Sé de Lamego, onde desempenhava tambem o cargo de vigario geral e governou esta diocese.

Foi sagrado bispo, na Igreja da Estrela, a 4 de fevereiro de 1877 e dezoito dias depois, a 22 do mesmo mez, dava entrada na sua diocese, onde era recebido com certa reserva, pois havia ali quem procurava indispor o povo contra o novo bispo.

Passageira foi, porém, essa impressão, que não tardou a ser desfeita, logo que o novo pastor falou ao seu rebanho com a eloquencia persua-



D. MANUEL AGOSTINHO BARRETO

BISPO DO FUNCHAL

siva da sua palavra evangelica, em que ao mesmo tempo revelava a energia e retidão de seu caracter, para defrontar-se, acaso, com aquelles que tentavam guerrear.

Os factos encarregaram-se de afirmar as qualidades do homem, e em breve o novo Bispo não só se tornou respeitado dos seus diocesanos e querido, porque a todos sabia dispensar justiça, como promoveu os progressos da diocese que lhe fôra confiada.

Esses progressos realisaram-se no novo edificio que mandou construir para seminario, que dotou com notaveis melhoramentos no ensino, creando uma nova cadeira de ciencias naturaes e um museu de historia natural com um gabinete de fisica annexo, para o qual adquiriu os melho- res instrumentos e aparelhos desta ciencia, como só se encontram nos gabinetes das escolas politécnicas ou universitarias.

O museu é dos mais importantes de nosso país, altamente apreciado por notaveis naturalistas que o tem visitado, taes como o dr. Hofmeir, da Universidade de Berlim, o dr. Steinbreugge, da Universidade de Giessen, o africanista Passavant, de Basileia, dr. Chavaune, de Vienna d'Austria, J. Y. Johnson, o grande sabio muito conhecido da historia natural da Madeira, e outros illustres estrangeiros em que se conta o principe de Monaco, tão devotado, como é sabido, ao estudo das ciencias naturaes, e todos concordes em tecer os maiores elogios á bela organização e escolha dos exemplares que ali se observam, os mesmos elogios tecendo ao gabinete de fisica que não faz

inveja a muitos que se encontram no estrangeiro.

Pois isto se deve ao illustradissimo prelado, que foi tambem modelo de oradores, dos mais fucundos e eloquentes, até nos improvisos, como tanta vez lhe aconteceu, para o que estava sempre preparado e confiante em seus dotes oratorios.

Trinta e quatro annos dirigiu a sua diocese, com o respeito e estima geral dos seus diocesanos, falecendo aos 76 annos de idade, utilmente empregados na espinhosa missão que tomara de servir a Deus e á patria.

D. José Dias Corrêa de Carvalho

BISPO DE VISEU

Outro falecimento de um principe da Igreja Lusitana, temos a registrar, no breve espaço de poucos dias, o da morte de D. José, bispo de Viseu, occorrida em 2 do corrente.

O illustre antistite, tendo nascido na antiga vila de Canelas, do Douro, a 30 de dezembro de 1830, filho de Antonio Dias de Carvalho e de D. Maria Engracia Corrêa de Carvalho, seguiu, desde os seus primeiros estudos, para a carreira ecclesiastica, recebendo as ordens de presbitero, em 1854, depois do que foi cursar a Universidade de Coimbra onde se doutorou em Teologia e Direito, em 1860 e 1862, respectivamente.

Neste ultimo anno, foi para Beja reger uma cadeira de ciencias ecclesiasticas, sendo-lhe conferido tambem o cargo de promotor daquelle bispado e, em 1865, nomeado vigario proto-capitular do mesmo, logar que condignamente occupou até 1871.

Por decreto de 13 de março de 1871, foi apresentado bispo da diocese de Cabo Verde e confirmado em 6 de julho do mesmo anno.

A sagração do novo bispo teve logar na igreja de S. Domingos, de Lisboa, em 3 de setembro seguinte e, em 5 de janeiro de 1872, partiu para a sua diocese.

Com notavel zelo apostolico e firmeza governou a sua diocese, conciliando graves dessidencias que nella encontrou. Não se poupando ás fadigas e difficuldades de uma visita geral a todas



D. JOSÉ DIAS CORRÊA DE CARVALHO
BISPO DE VISEU

as ilhas do seu bispado, a todas visitou, sendo o primeiro dos prelados daquelle bispado, que assim procedeu.

Conheceu deste modo o estado de todas as parquias da sua diocese, organisando os registos parquias que encontrou ao abandono, conse-

guindo que se legalissem pelo matrimonio muitas uniões ilicitas, facilitando da sua parte todos os meios para isso, e sabendo das percarias circumstancias em que muitos parocos viviam, alcançou do governo aumento de suas congruas que lhe permitissem viver sem privações e condigna de-cencia.

Melhorou os estudos e a disciplina do Seminario, bem como as suas condições economicas e, em tudo isto, lidou oito annos ao fim dos quaes veio á metropole com licença, para cuidar de sua saude bastante abalada.

Tendo vagado, em 1883, o patriarcado de Lisboa, bem como as dioceses de Portalegre e de Viseu, para o preenchimento de qualquer dellas foi indicado D. José Dias Corrêa de Carvalho, sendo por fim transferido para a de Viseu, uma das mais importantes de Portugal.

Em 24 de outubro de 1883, deu o illustre prelado entrada solemne na sua nova diocese, onde foi recebido com todas as honras inherentes ao seu alto cargo, e onde em breve alcançou grande estima e veneração dos seus diocesanos, mercê da sua conduta exemplar de verdadeiro apostolo do cristianismo, amante da justiça que não esquece a benignidade nem a caridade, pois uma e outra se reuniam no seu coração bondoso.

A sua acção no bispado de Viseu não foi menos benefica do que no de Cabo Verde, e antes se avantajou por obras meritorias, por isso que foi mais estavel e duradoura nesta diocese.

Remodelou completamente o ensino no Seminario pondo-o a par dos melhores liceus. Foi este seu primeiro cuidado. Instituiu o Circulo Catolico de Viseu, que dotou com casa propria feita a expensas suas. O mesmo praticou com um Albergue Noturno por elle fundado em Viseu e cuja casa mandou construir á sua custa, etc.

Muito versado em letras, possuia uma rica livraria de obras de valôr, contando alguns exemplares raros.

O seu governo na diocese de Viseu foi de 28 annos, tendo falecido com 80 annos e meio, ao cabo de prolongada doenca que mais ou menos o não desamparava e que fôra adquirida durante a sua estada em Cabo Verde.

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis

Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca

em todos os estabelecimentos



CHOCOLATE—CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis

Contos e Digressões POR CAETANO ALBERTO

Um elegante volume de 224 paginas, profusamente illustrado com desenhos de A. Bannilo e C. Alberto contendo:

O segredo de Clotilde — Na Montanha — Devorado pelas feras — Uma visita a Castello do Vide — Historia de umas calças — Uma festa agricola em Elvas

Cartonagem em relevo, ouro e cores, completa novidade, preço 500 réis

A' venda nas principaes livrarias e na EMPREZA DO OCCIDENTE

Poço Novo — LISBOA

Vierling & C.^a

Abriam o seu estabelecimento

104, Rua dos Capellistas, 106
17, Rua Augusta, 19

Negociam em Cambios, Papéis de Credito, Coupons,
Ordens de Bolsa e Loterias.

Telephone. 2873

Endereco. Fundos.

PARA LEVANTAR OU CONSERVAR AS FORÇAS

Vinho Nutritivo de Carne de Pedro Franco & C.^a, Lisboa. Unico legalmente auctorizado pelos governos e auctoridades sanitarias de Portugal e Brazil e premiado com Medallas d'Ouro em todas as exposições. Centenaes dos principaes medicos garantem a sua efficacia na debilitade, na pobreza do sangue (anemia), na convalescenca de todas as doencas e sempre que é preciso levantar as forças. E' muito usado ao lunch e ao toast pelas pessoas de constituição fraca e pelas robustas, que teem excesso de trabalho intellectual ou physico. Um calix d'este vinho representa um bom bife. A' venda nas pharmacias.

Capas para a encadernação dos volumes do «OCCI- DENTE»

Em percalina com letras a ouro,
encadernação de luxo

Ha capas para todos os annos,
eguaes na cor para collecções.

Capa 800 réis
Capa e encadernação 1\$200